

**Variação linguística no Brasil:
revisitando os conceitos e refletindo sobre suas abordagens**

Ana Cláudia Oliveira – PPGEL/UFCAT¹
Eduardo Antônio Borges dos Santos – PPGEL/UFCAT²
Silvania Aparecida Alvarenga Nascimento – PPGEL/UFCAT/FAPEG³

Resumo: No Brasil, a diversidade de manifestações da língua portuguesa brasileira pode ser estudada a partir de uma variedade de razões históricas, sociais, culturais e geográficas. O objetivo deste artigo é fornecer uma visão concisa da diversidade de nossa língua, ao mesmo tempo em que aborda as características e distinção que aqui existem. As diferenças linguísticas podem ser oriundas da faixa etária, educação, *status* socioeconômico e cultura. Todavia, tal realidade não pode ser vista como um fator degradante, mas como uma apreciação pela magnificência desta língua. Esta pesquisa foi conduzida tomando como base principal os seguintes autores: Bagno (2004, 2006), Calvet (2002), Camacho (2011), Figueiredo (1945), Mollica (2004), Mussalim e Bentes (2004), Soares (1998) e Tarallo (1986). Nossos estudos indicam que os professores no Brasil devem estar preparados e atentos ao ensinar seus alunos a respeito da enorme diversidade linguística do Brasil, contribuindo, assim, para a compreensão de que nossa língua portuguesa não é homogênea e seu ensino não pode ser centrado apenas na norma-padrão.

Palavras-chaves: Variação linguística. Ensino de língua materna. Sociolinguística.

**Language variation in Brazil:
revisiting concepts and reflecting on its approaches**

Abstract: In Brazil, the diversity of manifestations of the Brazilian Portuguese language can be studied from a variety of historical, social, cultural and geographical reasons. The purpose of this article is to provide a concise overview of the diversity of our language, while addressing the characteristics and distinction that exist here. Linguistic differences can come from age group, education, socioeconomic status and culture. However, this reality can not be seen as a degrading factor, but as an appreciation for the magnificence of this language. This research was conducted based on the following authors: Bagno (2004, 2006), Calvet (2002), Camacho (2011),

¹ 1. Graduada em Letras – Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Goiás - UEG, especializada em Docência do Ensino Superior e Recursos Humanos. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Catalão-UFCAT. Professora na rede municipal de ensino de Caldas Novas-GO. ORCID: 0000-0003-2260-8685. E-mail: anaadmcaldas@gmail.com

² Graduado em Letras – Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Goiás - UEG, especializado em Atendimento Educacional Especial, aluno regular do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL/UFCAT – 2021/1. E-mail: edu.abs@hotmail.com

³ Graduada em Letras – Português, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, especializada em Docência do Ensino Superior. Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG. ORCID: 0000-0002-9532-5689. E-mail: aparesilvania5@hotmail.com

Figueiredo (1945), Mollica (2004), Mussalim and Bentes (2004), Soares (1998) and Tarallo (1986). Our studies indicate that teachers in Brazil must be prepared and attentive when teaching their students about the enormous linguistic diversity of Brazil, thus contributing to the understanding that our Portuguese language is not homogeneous and its teaching cannot be centered only on the standard norm.

Keywords: Linguistic variation. Teaching of mother tongue. Sociolinguistics.

Introdução

Nossa língua não é executada de forma homogênea em solo brasileiro, ela se transforma ao longo do tamanho continental do Brasil. Portanto, a diversidade linguística pode ocupar um lugar de orgulho, pois faz parte da identidade sociocultural do brasileiro. Tendo ciência dessa realidade multifacetada de nossa língua e utilizando a variação, podemos demonstrar aos professores que o ensino do português não precisa (ou não pode) ser limitado à gramática normativa, é preciso (re)conhecer a existência dessa pluralidade linguística, dispensando rótulos e hierarquias predeterminadas.

Essa pluralidade evidencia como efetivamente falamos e que devemos considerar a variedade linguística: modos distintos de comunicação e não como “desvio” do que é considerado “correto”. Nesse sentido, os brasileiros são formados por muitos grupos com uma gama de experiências e isso não é mensurável.

Sendo assim, a língua reflete a identidade e as características de cada sociedade, bem como a colocação do indivíduo dentro de vários grupos, estratos socioeconômicos, faixas etárias, gêneros e níveis de educação, ou seja, mostrando, assim, a relevância da multiplicidade. As formas que variam são chamadas de "variações linguísticas". Segundo Tarallo (1986, p. 8), “as variações linguísticas são outros métodos de expressar a mesma ideia, no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Uma variável linguística é um conjunto de variações.

Apesar da variação linguística ser inerente à língua em uso, ainda encontramos discriminação relacionada ao modo de falar, fato que reflete as mesmas tensões que existem em toda a sociedade. É fundamental que o aprendiz saiba reconhecer que a língua é variável e que, a depender do contexto comunicativo, pode ser válida e apropriadas à história e cultura humana enquanto adquire novas formas linguísticas, especialmente a escrita e o padrão mais formal de oralidade governado pela tradição gramatical. (PCN, 1998; MEC, 1998).

O assunto sob investigação é importante para a sociedade como um todo. A variedade linguística pode ser explicada em termos de sua história temporal e espacial. É bem conhecido que a diversidade linguística tem gerado de forma significativa, o preconceito linguístico nas escolas e no ambiente social. Este viés resulta em discriminação, causando dificuldades interpessoais entre os estudantes e transformando a sala de aula, por vezes, em um local de exclusão sociocultural.

Neste caso, os professores precisam tomar a iniciativa na sala de aula, adotando uma atitude mais crítica em relação ao ensino da língua portuguesa, instruindo os alunos a respeito da variação de nossa língua e demonstrando que essa multiplicidade não pode ser motivo de preconceito, mas sim ser entendida como um fenômeno social, cultural e histórico decorrente do uso da língua.

Este estudo foi realizado, tomando como base os seguintes autores: Bagno (2004, 2006), Calvet (2002), Camacho (2011), Figueiredo (1945), Mollica (2004), Mussalim e Bentes (2004), Soares (1998) e Tarallo (1986) de forma que apresentamos diferentes escritores com o objetivo de evidenciar a importância dessas contribuições para o processo de ensino/aprendizagem, esteja este acontecendo no ambiente escolar ou fora dele, por isso, destacamos os preceitos da Sociolinguística, que estuda as relações entre o falar e a sociedade em que o falante se encontra.

1 A Sociolinguística: o falar não está vagando sozinho

Não podemos discutir a linguagem isoladamente da sociedade, já que a conexão entre elas é a base sobre a qual a comunicação humana é construída, este é o princípio da Sociolinguística. Segundo a história, a humanidade está estruturada em sociedades e tem um código, ou seja, um sistema de comunicação oral que é único para cada orador. Analisar este fenômeno da linguagem, conhecido como Sociolinguística, não é simples, pois exige a consideração de muitos fatores, como o ambiente social no qual residem as pessoas dedicadas à pesquisa deste fenômeno. Como resultado, as teorias da linguagem, sejam passadas ou presentes, sempre tiveram perspectivas únicas e por vezes divergentes sobre a função da linguagem na vida social.

O termo Sociolinguística, fixado por Willian Labov no ano de 1964, nem sempre esteve em harmonia com as teorias e abordagens da época, para a linguística alemã de August Schleicher, que teve um efeito significativo no século XIX, ela foi desprezada.

Na sua visão a linguagem é comparada com o nascimento, crescimento e morte de uma planta, bem como com a ideia de evolução de Darwin. Cada língua, afirma ele, é o resultado de uma combinação de produtos químicos naturais encontrados no cérebro e no mecanismo de fala. Assim, o estudo de uma língua é uma abordagem indireta a este assunto desconcertante. Assim, a variedade linguística depende da diversidade das mentes e dos órgãos dos homens, conforme determinada por sua raça. E a língua está inextricavelmente ligada à raça. É o critério mais adequado para classificar as raças da humanidade (ALKMIN; CAMACHO, 2004).

Embora a conexão entre a língua e a sociedade não tenha sido o elemento decisivo no século XX, foi reconhecida como tendo um componente social e histórico, uma vez que descartou ideias anteriores, como a supracitada de Schleicher, mas ele não esteve sozinho neste percurso. De acordo com Mussalim e Bentes (2004) em seu livro “Introdução à Linguística”, Saussure, que elevou a linguística a um nível de ciência, tratou a linguagem como sendo o sistema que sustenta a atividade da fala; mais precisamente, é o sistema invariante que pode ser abstraído das muitas mudanças observadas na fala. A estilística, ou Linguística Externa de modo mais geral, se preocupará com a fala. A Linguística, será encarregada de explicar a estrutura formal do idioma. Assim, é lançada a chamada abordagem imanente da linguagem, que, em palavras saussureanas, implica em colocar de lado tudo o que é estranho ao corpo, ao seu sistema.

Para Bakhtin, estudioso da linguagem e fonte de diversas pesquisas, principalmente na década de 1960, a linguagem não era um fato isolado, ela se concretiza na interação com o outro, ele traz consigo o conceito de comunicação social, considerando a heterogeneidade do indivíduo ao produzir sua fala. Ou seja, traços arraigados à Sociolinguística.

Cada período tem sua própria abordagem única para este fenômeno linguístico, com seus próprios métodos distintos de percebê-lo e interpretá-lo. Entretanto, sabemos que a Sociolinguística investiga a diversidade linguística dentro de uma comunidade de fala, a variação que circula dentro deste contexto social. Entendemos que a Sociolinguística coopera para que a língua e sua diversidade sejam valorizadas e enfatizadas no ensino-aprendizagem da língua materna na escola. Aliando o conhecimento Sociolinguístico e professores conscientes de seu papel crítico na criação de cidadãos conscientes e engajados na vida social, podemos ter alunos com melhor

desempenho dentro do ambiente escolar e preparando-os para a vida em sociedade e campo profissional.

A Sociolinguística é um campo de pesquisa dedicado a estabelecer a conexão sistemática da variação linguística e social. Ou seja, conectar a variação linguística observável dentro de uma comunidade e as diferenças observadas na estrutura social desse mesmo grupo. Assim, a Sociolinguística examina a diversidade linguística e estabelece relações entre a variação linguística e certos fatores, tais como a identidade social do falante, como evidenciado pelo estudo da fala de várias classes sociais e entre falantes masculinos e femininos, ou a identidade do receptor, como evidenciado pelo estudo de diferentes contextos sociais nos quais os estilos formais e informais são analisados.

Desse modo, a Sociolinguística se desenvolveu e expandiu durante todo o período do formalismo. Ela foi formada através de pesquisa e atividade. O que aconteceu foi que esta ocorrência da linguagem ganhou destaque e adquiriu um contexto social distinto. Numerosos linguistas e acadêmicos examinaram este fenômeno, demonstrando sua natureza multidisciplinar.

Para a Sociolinguística cada língua é única; não é homogênea. Assim, a própria língua portuguesa é diversificada; seus falantes, sejam eles do Brasil, de Portugal ou de Angola, podem falá-la de diversas maneiras. A Sociolinguística não vê a variedade como negativa, mas sim como um componente necessário da linguagem, a de que a língua não pode existir sem variação.

2 A variação linguística no Brasil

Desde os anos 60, quando Labov estabeleceu a Sociolinguística Variacionista nos Estados Unidos, a terminologia variação linguísticas tem sido amplamente empregada. O movimento sociolinguístico procura entender as mudanças e variações na linguagem, que podem variar com o tempo, através da geografia e até mesmo dependendo do contexto social em que a pessoa se encontra (BAGNO, 2004).

De acordo com Mollica et al. (2003), a Sociolinguística é um subcampo da Linguística preocupado com o estudo da língua em uso nas comunidades de fala, com ênfase particular na pesquisa que conecta características linguísticas e sociais. A Sociolinguística estuda a variação.

O que a palavra "variação" implica quando se trata de “variedade” linguísticas? O dicionário de sinônimos fornece uma definição esclarecedora a este respeito, duas palavras que são sinônimas, significando segundo Figueiredo (1945, p. 434), “1. O ato ou resultado da mudança; 2. Modificar; 3. Inconsistência ou diversidade de crenças, sistemas, e assim por diante; 4. Qualquer uma das muitas maneiras pelas quais uma palavra pode ocorrer.”

Em outras palavras, a presença de vários "dialetos" dentro de um único sistema linguístico, neste caso a língua portuguesa, acrescenta variedade à área do idioma. Ela encarna tanto a variedade quanto a distinção de cada discurso. Calvet (2002, p. 34), define variedade linguística como “a presença de várias expressões com o mesmo significado”.

Junto com a variedade linguística, Cunha e Cintra (1985) demonstram, ao longo da sua obra, muitos tipos de variação com base no que eles chamam de distinções internas:

- 1) distinções geográficas, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (dialetos locais, dialetos regionais, e até mesmo dialetos intercontinentais);
- 2) distinções entre camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DAS CATEGORIAS (nível culto, nível de linguagem padrão, nível popular, etc);
- 3) distinções entre vários modos de expressão, ou VARIAÇÕES DIÁFASICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, línguas especiais, língua dos homens, língua das mulheres, e assim por diante).

Continuando com a categorização da variação linguística, Mollica (2003), em resumo, oferece o seguinte: as variáveis externas incluem aquelas que são intrínsecas à pessoa (como raça e sexo), aquelas que são propriamente sociais (como educação, nível de renda, profissão e classe social), e aquelas que são contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva).

Geraldi et al. (1997) acrescentam que a diversidade linguística é um espelho da variedade social, e como toda sociedade tem alguma distinção em grau ou função, a língua reflete essas disparidades.

Assim, a linguagem é um espelho da sociedade, e as mudanças na sociedade refletem as mudanças na linguagem em resposta às exigências comunicacionais. Cunha

e Cintra (1985) argumentam que toda a variação linguística é organizada e se relacionam a sistemas e subsistemas que são adaptados às exigências de seus usuários.

No Brasil prevalece a noção de um idioma unificado, apesar da enorme variedade do português. Isto é particularmente notável no cenário educacional, onde o ensino conservador é mantido por meio do ensino de normas gramaticais prescritivas e suas tediosas restrições, que são impostas nas escolas como se fossem a única forma adequada, sem consideração por outras formas, conforme explica Marcuschi (2020, p. 69) a língua pátria é “tomada como um instrumento de comunicação não problemático e capaz de funcionar com transparência e homogeneidade” por ser efetivado a partir da prática da escrita fundamentado na modalidade padrão, por meio de um conjunto de informações sobre categorias e funções normativas.

Bagno (2006) desmistifica muitos conceitos errôneos a respeito de nossa língua, o mais pertinente é o de que a língua portuguesa falada no Brasil tem uma unidade comum. Ele faz a observação crítica de que este mito é extremamente prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se fosse a língua comum aos mais de 200 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, origem geográfica, *status* socioeconômico ou nível de educação.

Mesmo assim, perguntamos, como acreditar na unidade linguística pode ser prejudicial à educação? Além da justificativa citada anteriormente, que afasta o ensino da realidade dos alunos, este conceito de linguagem homogênea pode criar aberturas para a ocorrência de certos fatos que exacerbam a divisão já existente entre linguagem e realidade dos indivíduos, como a prática do preconceito linguístico, além do atraso e estagnação que isso alavanca.

A situação ideal para as escolas seria ensinar a língua portuguesa de forma que o estudante conseguisse reconhecer que o português é múltiplo e precisará adequá-la conforme o contexto comunicativo. É importante que o aluno consiga perceber a riqueza de nossa diversidade linguística e possa combater o preconceito que envolve formas, consideradas “diferentes” de falar.

Segundo Soares (1998), parece muito mais interessante promover um conhecimento cada vez maior e mais profundo de todas as variedades linguísticas nas aulas de língua portuguesa, para que a sala de aula deixe de ser um repositório para o estudo das variedades sociais mais prestigiadas e se torne um laboratório vivo para a

pesquisa sobre a língua em todas as suas formas e usos. Assim, teríamos um estudo abrangente e funcional de nossa língua, que dá sentido a esta instrução e valoriza todas as conexões que compõem o sistema linguístico brasileiro.

Além disso, contribui para diminuição da discriminação e do preconceito em relação a outros tipos que se desviam da norma considerada padrão, apresentando assim a realidade linguística brasileira. Todavia vale ressaltar que os idiomas são legados culturais que são transmitidos através de gerações. Em português, temos um exemplo de mudança histórica no estilo de saudação utilizado pelos reis do século XV: "Vossa Senhoria". As diferenças do idioma são decorrentes de uma variedade de causas, incluindo as seguintes:

A - A geração: cada geração tem seu próprio conjunto de palavras, e o discurso de cada geração é distinto. Como a linguagem se modificou com o tempo, um adolescente de 18 anos não emprega as mesmas palavras que um homem de 40 anos.

B - Gênero: homens e mulheres se comunicam de forma diferente, de acordo com seus hábitos sociais culturalmente condicionados.

C - Status socioeconômico: disparidades na distribuição de bens materiais e culturais, que se manifestam em distinções Sociolinguísticas. Geralmente, os indivíduos com posição econômica mais baixa falam mais coloquialmente do que aqueles com maior posição econômica.

D - Desempenho educacional: anos de educação e qualidade da escola frequentada.

E - Campo profissional: posição ou atividade desempenhada por uma pessoa como parte de seu trabalho.

F - Rede de interação social: os indivíduos com os quais vivemos e com os quais nos conectamos regularmente. Como consequência das interações sociais, ocorre a diversidade linguística.

Observamos que há muitas circunstâncias de fala nas quais devemos saber distinguir o tipo apropriado de linguagem a ser empregada em cada uma delas. Os indivíduos precisam saber quando falar de uma forma ou de outra de acordo com a situação da fala, como por exemplo, a defesa de uma tese, uma entrevista de emprego, ou uma simples roda de conversa em um *happy hour*. Uma vez que dentro do contato

social, o orador deve aderir à normas, que incluem: o que falar e como falar e até mesmo saber ouvir, afinal, a comunicação não se restringe somente ao ato da enunciação em si.

Segundo Camacho (2011), variedade estilística ou registros referem-se à adequação das formas de expressão ao longo do processo de enunciação, uma seleção dentro da própria perícia linguística para determinar a forma correta de empregar, com um grau de pensamento. Como podemos ver, há muitos estilos apropriados para várias circunstâncias, e os termos mais usados para descrevê-los são imprecisos, mas podemos usar alguns, tais como formal, informal, culto, coloquial, familiar e pessoal.

Quando esses estilos são empregados, é necessário considerar o contexto das trocas verbais. De acordo com Beline (2004), uma variedade de idiomas vale o que é na sociedade como um reflexo do poder e influência de seus falantes nas interações econômicas e sociais. A conexão entre diversidade linguística e estrutura social coexiste dentro das interações sociais criadas dentro da estrutura sociopolítica de cada comunidade. Dentro da vida social, existe uma hierarquia, definida pela variedade de línguas utilizadas. Como resultado, alguns tipos são considerados superiores a outros.

A linguagem culta é referida como o tipo padrão, e é necessário aprender sobre ela. Vale notar que não é apenas a língua original; é o produto de uma atitude social na qual uma pessoa seleciona uma das muitas maneiras existentes de falar, ao mesmo tempo em que define um conjunto de regras que estabelece a maneira correta de falar. Os grupos socialmente dominantes determinam o “melhor” e “mais correto” método.

Nenhuma língua é inferior ou primitiva aos olhos da linguística; todas as línguas são suficientes, pois servem como um método de representação do mundo físico e simbólico em que as pessoas vivem. A língua também pode ser fonte de inspiração para outras culturas a fim de criar novos termos ou ideias.

Tenhamos em mente que cada idioma é diverso, e as variações que existem são frutos históricos e contemporâneos. Podemos afirmar categoricamente que os julgamentos sociais são de caráter político e social, e não de origem linguística. Para os linguistas, por exemplo, a diversidade de falares nas regiões rurais não é considerada pouco atraente.

Há um fenômeno conhecido como Preconceito Linguístico, que tem um impacto prejudicial na vida do falante, tanto individualmente, quanto em sociedade. Há frequentemente um elemento de intolerância quando confrontado com um termo

inadequado ou um acordo verbal não concluído, por exemplo, e não se pode rejeitar qualquer variação, já que o bom senso dita que há um código (idioma) que cada pessoa adquire de forma diferente, sendo assim, não haveria o porquê julgar o que o falante seleciona, ou cria para se comunicar. Como resultado, há muitos conjuntos de variações linguísticas em circulação na sociedade, e nenhuma das variedades pode ser considerada incorreta, pois não existe uma linguagem uniforme.

A apesar disso, é verdade que os falantes são ocasionalmente obrigados a usar a variedade padrão, em certas circunstâncias, como uma entrevista de emprego. Isto é referido como variação diafásica. Como resultado, percebemos que devemos respeitar as variações existentes e ter sempre em mente que a linguagem está em fluxo contínuo, evitando julgamentos e conseqüentemente, barrando o preconceito linguístico.

A rigor, precisamos reconhecer que a maneira como falamos português varia de acordo com nosso ambiente; alguém que mora em Pernambuco não fala da mesma maneira que alguém que mora no Rio de Janeiro, e conseqüentemente, em termos de vocabulário, de léxico regional, certas palavras podem ser desconhecidas em outras áreas devido à sua origem em uma cultura diferente, como é o caso do "jerimum", que é falado na Bahia, em outras regiões conhecido como "abóbora", e que mesmo assim, ambas palavras podem ser desconhecidas para outras regiões. Ambos os termos fazem parte do léxico português, mas não ocupam o mesmo território quando nos atentamos à fala.

Uma palavra pode ser pronunciada de forma diferente dependendo de sua variante diatópica (fonética); por exemplo, um "carioca" pronuncia o "r" da última sílaba aspirante /r/, enquanto que "paulistanos" a pronunciam como um /h/.

É importante notar que a variedade ocorre em muitos níveis dentro da fonética, morfologia, sintaxe, semântica e do léxico. Atualmente, conectamos a variação linguística com a Sociolinguística, que se preocupa com o estudo da heterogeneidade. Limitando o aspecto quantitativo, por estarmos falando de tantos eixos que compõe a Língua Portuguesa.

Com isso, é necessário observar que o mesmo indivíduo pode empregar uma variedade de normas, demonstrando que a linguagem é verdadeiramente diversificada. Ao nos concentrarmos apenas na pesquisa de variação, devemos reconhecer que a variação linguística pode atingir o nível da pessoa. Na interação com outros falantes, a pessoa descobre suas próprias limitações, como por exemplo o uso da próclise pelos

falantes do Brasil e da ênclise utilizada por Portugal e dita como a correta pela gramática normativa.

Às vezes existe um preconceito subjacente entre os falantes, quando um falante pressupõe que o discurso do outro é pouco atraente ou até “incorreto”. Entretanto, temos de ter consciência de que os limites sociais também delimitam as atitudes linguísticas. A variável educação tem um efeito sobre a variada existência da marca plural em predicativos/partículas passivas. Há uma clara correlação entre mais anos de educação e uma preferência pela marca plural em predicativos/partículas passivas. É de se esperar que quanto maior o grau de educação, menores as incidências.

Fiorin (2004, p. 186), observa que prever a influência da educação no uso de uma palavra como “a gente” em vez de “nós” é difícil, já que nenhuma das duas formas é estigmatizada no uso diário. Portanto, qual é a conexão entre o nível escolar e a seleção de variações? Por outro lado, podemos supor que “nós” é usado mais frequentemente em textos escritos do que em conversas. Então, podemos perguntar sobre a conexão entre a frequência com que os falantes de uma comunidade leem e a frequência com que selecionam tais termos para uso.

É benéfico estudar as variantes do falar com diferentes características sociais dentro de uma mesma sociedade, a fim de compreender melhor como a língua se torna permanente ou mutável. É importante enfatizar a variedade linguística na escola para que os falantes entendam como ajustar seu idioma às diferentes circunstâncias que ocorrem.

De acordo com os PCNs (1998) e reforçados pela BNCC (2016), o estudo da língua materna na escola permite que os alunos reflitam sobre seu próprio uso da língua e sobre o uso da sociedade. Os alunos precisam perceber que o português é nossa língua materna e que a escola não deve impor a norma-padrão como a correta, mas sim educar, fazendo o estudante compreender que existem várias situações em que vários dialetos da mesma língua são usados.

O desenvolvimento da competência linguística de um estudante no ensino médio, a partir desta perspectiva, não se trata principalmente do domínio técnico do uso da língua como definido pela norma-padrão, mas sim de saber como usar a língua em situações subjetivas e/ou objetivas que requerem consciência e reflexão sobre os contextos em que se fala, bem como a competência comunicativa.

3 Metodologia

A metodologia deste trabalho baseia-se na realização de uma pesquisa bibliográfica, apresentando uma abordagem qualitativa de natureza descritiva e interpretativa, com a finalidade de discutirmos a relevância da Sociolinguística para o ensino de nossa língua materna. Também foi feita um estudo documental, analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais, que foram realinhados pela nova BNCC, e suas orientações a respeito de nossa língua e sua variação.

Considerações finais

Não podemos discutir a linguagem isoladamente da sociedade, já que a conexão entre elas é a base sobre a qual a pessoa humana é construída. Segundo os linguistas, a humanidade está estruturada em sociedades e tem um código, que é um sistema de comunicação no qual cada sujeito utiliza sua língua nativa.

Nenhuma língua pode ser considerada inferior ou primitiva, já que falar diferente não é considerado incorreto, e o que muitos veem como um “erro” tem uma razão científica (linguísticas, histórica, social e/ou psicológica) para existir. Os idiomas são legados culturais que são transmitidos através de gerações. As diferenças linguísticas são causadas por uma multiplicidade de variáveis, incluindo faixa etária, grau de instrução, posição socioeconômica e cultura.

E com toda essa diversidade linguística encontrada em várias regiões de nosso país, ficou claro que o preconceito é extremamente resistente, e cabe a nós, professores, cooperar para que nossos alunos compreendam que nossa língua é múltipla e pode ser realizada de formas diferentes, para que eles não discriminem uma pessoa com base em sua maneira de se comunicar, por que o falar é sinônimo de identidade cultural.

É essencial educar, demonstrando que as disciplinas se desenvolvem e a ciência da língua não é exceção. Somente assim poderemos educar de forma eficaz e para o bem maior, desenvolvendo em nossos alunos uma apreciação de todas as diferenças, particularmente a enorme diversidade linguística de nosso país.

O que precisamos na educação brasileira é desenvolver o domínio sobre nossa própria cultura e tradição, compreendê-la em toda sua diversidade, aceitá-la e estudá-la

e, finalmente, estender o respeito mútuo àqueles que iniciam suas atividades escolares, mas já tiveram contato com a educação em suas famílias e não nos chegam como “potes vazios de cultura”. Introduzindo-os no âmbito social e afluindo neles uma apreciação pela magnificência desta ou aquela variedade do idioma que se tornou um símbolo de nosso passado e reflete no presente.

Referências

- ALKMIN, T.; CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda;
- BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 21-76.
- BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? 45. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- BELINE, R. A variação lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à lingüística** - Objetos teóricos. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 121-40.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** - Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** - Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.
- CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FIGUEIREDO, C. **Dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Lisboa, 1945.
- FIORIN, J. L. Dialogismo e estilo. In: BASTOS, N. B. (Org.). **Língua portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: Edu, 2004, p.115-132.
- GERALDI, W. *et al.* **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”**. In:

DIONISIO, A. P. BEZERRA, M. A. O livro didático de português: múltiplos olhares. Campina Grande: EDUEFCG, 2020, p. 25-46.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). Introdução à linguística, Vol. 3. **Fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 439-473.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estagio e de pesquisa em administração**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOARES, M. Letramento: como definir, como avaliar, como medir. *In*: SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 61-125.

TARALLO, F. (org.) **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.